

RESPONSABILIDADE SOCIAL & EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA¹



Maira Meira Pinto

Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo

O presente artigo versa sobre um estudo acerca da responsabilidade social de universidade comunitária do Rio Grande do Sul na visão de seus gestores. A responsabilidade social universitária é compreendida como a capacidade que tem a universidade como instituição de difusão e colocação em prática de um conjunto de princípios e valores. Os agentes envolvidos no processo de responsabilidade social da universidade, professores, funcionários e alunos, precisam estar disponíveis e entenderem sua participação nesse processo, enquanto desenvolvimento da competência social, importante elemento para que se possa compreender o papel da Universidade para com seu entorno e, também, para a construção de conhecimento. Entende-se que aí reside o principal desafio da responsabilidade social universitária: o de cada um questionar suas intencionalidades individuais frente a si, ao outro, à comunidade, à sociedade e ao mundo, tendo como referencial o propósito de vida, potencial em cada um de nós, para, após, transformá-las, juntamente com as criatividades singulares e as construções de conhecimento particulares, em ações e atividades institucionais e coletivas. Isso será possível na medida em que os gestores universitários conseguirem estabelecer espaços de autoformação que viabilizem processos de participação coletivos, envolvendo docentes, discentes e funcionários nos processos decisórios.

Palavras-chave: Responsabilidade social universitária. Universidade comunitária. Educação superior.

Introdução

A responsabilidade social universitária é compreendida de acordo com o entendimento da GUNI (Global University Network for Innovation/Rede Universitária Global para Inovação), que considera responsabilidade social universitária como a

¹ Este artigo é uma versão modificada do item: “9.1 RESPONSABILIDADE SOCIAL & EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA”, do nono capítulo de minha Tese de Doutorado em Educação: RESPONSABILIDADE SOCIAL EM UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA: NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO SUPERIOR, que investigou “Como os gestores de universidade comunitária do Rio Grande do Sul percebem se constituir as atividades que denotam preocupação em desenvolver uma educação socialmente responsável no século XXI?”.

capacidade que tem a universidade como instituição de difusão e colocação em prática de um conjunto de princípios e valores por meio de quatro processos principais, quais sejam:

[...] gestão, docência, investigação e extensão. São os valores e princípios declarados: no plano pessoal: dignidade da pessoa, liberdade, integridade; no plano social: bem comum e equidade social; desenvolvimento sustentável e meio ambiente; sociabilidade e solidariedade para a convivência; aceitação e apreço à diversidade; cidadania, democracia e participação; e no plano universitário: compromisso com a verdade; excelência; interdependência e transdisciplinaridade (MOROSINI, 2008, p. 5).

A universidade, instituição com grande potencial humano e científico, não pode ficar à margem do que acontece na vida social, pois tem a obrigação de se envolver na resolução, ou na tentativa de resolução, dos problemas oriundos de um mundo da qual ela também faz parte. Ela deve ser “[...] uma poderosa alavanca para o desenvolvimento cultural, social e econômico da comunidade onde se encontra” (JULIATTO, 2004, p. 18).

Portanto, “[...] para ser um instrumento de salto no saber universal a universidade não deve desligar-se do seu meio” (BUARQUE, 2000, p. 79). Pelo contrário, precisa tirar do local a sua motivação, para que suas ações sejam também globais.

Nesse sentido, muitas universidades vêm perdendo seu ar tradicional, para se tornarem universidades inovadoras, que preservam suas origens, estando bem mais adaptadas aos novos tempos e às novas necessidades (ROSSATO, 2006), contribuindo com o desenvolvimento² sustentável da sociedade.

Educação, educadores e educandos e responsabilidade social

A educação é um mundo, e neste mundo educadores e educandos confirmam seu modo de viver e de ver a vida, bem como a maneira como entendem o processo de aprender. Afinal de contas, a universidade atua em um mundo complexo, recheado de incertezas, no qual são exigidas novas interfaces com a sociedade, no sentido de capturar e responder às suas demandas (AUDY, 2006).

² [...] desenvolvimento [...] é uma projeção de futuro de toda uma sociedade, na qual não existem fórmulas prontas. Não é baixado por decreto e nem cairá do céu, mas sim é resultado de um esforço coletivo de uma sociedade que para isso precisa estar organizada. E é nesse contexto que surge o desenvolvimento local, em que os verdadeiros protagonistas do desenvolvimento devem ser os atores sociais (DELEVATI, 2001, p. 388).

Os agentes envolvidos no processo de responsabilidade social da universidade, ou seja, professores, funcionários e alunos precisam estar disponíveis e entenderem sua participação nesse processo, enquanto desenvolvimento da competência social³, importante elemento para que se possa compreender o papel da Universidade para com seu entorno e, também, para a construção de conhecimento.

No que se refere à responsabilidade social que os professores têm, Siqueira (2006) é bastante oportuno ao trazer que

Os professores são transformadores das organizações/sociedades. Nelas são formadores do poder ideológico que marca o seu destino. Este poder ideológico muda de sociedade para sociedade, de época para época, assim como mudam as relações, ora de contraposição, ora de aliança, que os professores mantêm com os demais poderes organizacionais (p. 10).

O mesmo autor segue afirmando que

A responsabilidade social do docente certamente o conduz à mediação e à interlocução reflexiva e criativa. O método de ação do professor é o diálogo racional e instigante, no qual os interlocutores discutem e apresentam uns aos outros argumentos raciocinados, experiências vivenciais, cuja virtude é a tolerância, a aceitabilidade e a serenidade para a diferença. [...] O professor tem uma enorme força moral sobre os alunos. Eis aí mais uma responsabilidade social básica da missão do professor. Aqui está, sem dúvida, a força política que engendra e articula junto aos seus alunos, mesmo que não esteja plenamente consciente desse seu papel (SIQUEIRA, 2006, p. 11).

Um dos entrevistados da pesquisa exemplifica as afirmações de Siqueira:

A questão da responsabilidade social vai estar presente se o professor estiver com uma visão clara e imbuído de sua participação nesse processo. Os alunos, via de regra, percebem facilmente o professor que, de algum modo, transpira responsabilidade social ou se é apenas um discurso, literatura sendo repassada. Os alunos notam se ele tem um compromisso social, seja como professor da Universidade, seja como cidadão. E a qualidade da pesquisa e da extensão também tem a ver muito com este conjunto do professor – se ele é apenas um viés teórico, um discurso politicamente correto, ou se de fato ele faz algo pela sociedade. A autenticidade da responsabilidade social transpira em sala de aula quando ela é real. E, felizmente, aqui na Universidade há muitos professores que têm compromissos sociais bem claros e transportam isso para o ensino, para a pesquisa e para a extensão (ENTREVISTADO 3).

A responsabilidade social da universidade passa justamente por esse entendimento, na medida em que, no mundo atual, onde o conhecimento é a moeda

³ A competência social é expressa pela capacidade de estabelecer relações entre as esferas do saber e social; é a capacidade de compartilhar conhecimentos e aprendizados advindos da experiência de vida cotidiana para o trabalho e vice-versa; refletida na capacidade de criticidade frente à realidade, alicerçada na dimensão ética (FARIAS, 2003).

mais valiosa, a contribuição da universidade como comunidade científica constituída, representada especialmente por seus professores, é incomensurável ao conjunto da sociedade.

Nesse sentido, outro entrevistado da pesquisa afirma que

Responsabilidade social tem muito a ver com o processo da educação. Da pessoa ser educada para entender o contexto social e conseguir inferir valor, melhoria no contexto em que vive, na sociedade em que vive. A responsabilidade social tem a ver com isso: como a gente se sente perante a realidade e como a gente pode mudar essa realidade. Cada um de nós deve ser responsável pela sociedade em que vivemos. E isso tem muito a ver com educação. O grau de educação que as pessoas têm, o grau de compreensão das coisas. (ENTREVISTADO 4).

Dessa forma, é importante que a educação proporcionada nas universidades seja empreendedora, de forma a preparar “[...] os educandos para enfrentar o mercado de trabalho, as questões sociais [...], ampliando seu foco de visão, [...] de modo a (re)criar situações desafiadoras, sem desconsiderar os vínculos identitários e os valores, para a manutenção das relações humanas, em uma sociedade civilizada” (ENGERS, 2007, p. 27-28).

Conforme Engers (2007, p. 26):

Na atualidade, passamos da idéia do professor que apenas transmite conhecimento para a compreensão de que o ser humano é capaz de construir o seu próprio saber e, para tanto, o educador precisa proporcionar aos seus estudantes condições de aprendizagem, comprometendo-se também com o seu próprio aprendizado.

Para tanto, é importante que ambos, professor e aluno, estejam envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem de forma que esses processos ocorram, de fato, em uma via de mão dupla. Em uma universidade é imprescindível trilhar esse caminho, uma vez que se parte do princípio de que o estudante universitário tem autonomia suficiente para trilhar sua formação e contribuir para as discussões estabelecidas na sala de aula, nos grupos de pesquisa e nos projetos de extensão.

Na medida em que o professor socializa, por meio de sua ação pedagógica, que alguns valores universais – tais como solidariedade, justiça, liberdade – não podem ser desconsiderados por nenhum tipo de organização, sua intervenção se torna crescente e relevante à sociedade da qual faz parte. Esse também é um papel que faz parte da missão do professor: contribuir para que a sociedade se humanize e se comprometa como instrumento de bem comum para uma sociedade mais justa e solidária.

Considerando a posição de Juliatto (2004, p. 15), “por sua natureza, toda universidade é socialmente responsável pelo fato de preparar profissionais que deverão sustentar-se com dignidade e de preparar lideranças para todas as áreas [...]. Além disso, ela promove a responsabilidade social enquanto educa seus alunos para a solidariedade”. Esta solidariedade pode ser vista também como uma forma de humanizar o próprio conhecimento.

A universidade pesquisada parece demonstrar diversas formas de educar para a solidariedade, e dentre elas está o exemplo que segue, conforme Entrevistado 6 da pesquisa:

Praticamente não temos nenhum funcionário que tenha apenas o Ensino Fundamental, não chegam a cinco. E temos alguns que estão agora terminando o Ensino Médio. E a maior satisfação é que daqui a pouco eles irão conseguir ir para o Ensino Superior. Temos vários casos de pessoas que começaram na limpeza, ou vigilância, que acabaram se formando na Graduação aqui na Universidade, e foram buscar outros caminhos, não são mais funcionários da Instituição. Os relatos dessas pessoas são emocionantes, e faz parte de nossa responsabilidade social. A primeira formatura do EJA foi muito emocionante, é muito bonito ver a pessoa crescendo, se aprimorando.

A pergunta que se coloca parece ser: “[...] como reconstruir a prática [...] acadêmica de forma que o conhecimento seja trabalhado como processo e, desta forma, contribua para a emancipação intelectual, social e política dos alunos favorecendo a cidadania?” (CUNHA, 2007, p.175).

É necessário que a universidade torne-se uma

[...] *usina* de transformação para enfrentar o espaço social. Essa usina de produção e transformação será possível pelo (re)conhecimento das necessidades do grupo envolvido, pela (re)formulação de hábitos e comportamento, pelo redimensionamento de espaços e estímulo à criatividade. Isso, sem dúvida, envolve trabalho compartilhado e investigação (ENGENERS, 2007, p. 27).

Nesse sentido, a educação é entendida como uma prática social, na qual o processo de ensino e de aprendizagem universitário objetiva não só a formação dos alunos, mas também dos próprios professores. A universidade deve favorecer ao máximo este tipo de formação, que não se restringe à apreensão de conteúdos e de metodologias.

A universidade investigada procura incentivar seus professores a firmarem parcerias e a trabalhar em rede como forma de qualificar a educação prestada, bem como forma de qualificar o próprio corpo docente. “Há muita simpatia por amplas relações dos professores com as universidades de um modo geral, não há qualquer tipo

de restrição com universidades de qualquer natureza, porque acreditamos no livre trânsito das idéias e na livre aproximação das pessoas” (ENTREVISTADO 3).

Ainda, tem um sentido de resgate de uma lógica coletiva de construção de conhecimento, para fazer frente à individualização da vida. A educação também pode ser o espaço da busca por garantia de direitos e de cidadania, contrapondo valores neoliberais de individualidade e de competitividade nocivas.

Afinal, “[...] o que vai fazer diferença nesse futuro [da educação e das universidades comunitárias] eu acredito que seja o aprofundamento das relações entre os protagonistas desse processo, que são os professores e os estudantes” (ENTREVISTADO 2).

“Se todas as partes do espaço podem ser alcançadas a qualquer momento, não há razão para alcançar qualquer uma delas num dado momento e nem tampouco razão para se preocupar em garantir o direito de acesso a qualquer uma delas” (BAUMAN, 2001, p.137). É justamente essa aparente apatia que pode ser transformada pela educação.

Para tanto, o diálogo deve ser estabelecido, como forma de mediar a relação professor/aluno, num processo contínuo, tendo em vista que “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1997, p. 42). Esta perspectiva aponta um grande desafio para o professor, que pode ser enfrentado através de um ensino sólido, uma pesquisa séria e uma extensão reflexiva.

O professor tem a responsabilidade social de desenvolver junto com o aluno a sua competência diagnóstica. O aluno deve aprender a tomar decisões, afirmar um ponto de vista, e isso implica analisar as alternativas viáveis, de forma reflexiva, crítica, indagadora e problematizadora.

Um dos entrevistados aborda essa questão ao trazer que:

[...] na formação em nível universitário dos nossos cursos, essa responsabilidade, esse compromisso, está vinculado às práticas, às clínicas, aos gabinetes judiciários, àquilo que os cursos permitem e possibilitam ao seu aluno, que está numa situação de estudante, sujeito de aprendizagem, e aos seus professores, envolver a comunidade nessa construção da formação (ENTREVISTADO 5).

Assim, na responsabilidade social interna, a universidade deve investir no bem-estar de seus professores, alunos, funcionários e seus dependentes, no sentido de

proporcionar-lhes condições favoráveis para o desenvolvimento de seu trabalho em um ambiente saudável e promissor (OLIVEIRA, 2004).

Com esse tipo de trabalho, ocorre um enriquecimento de todas as partes envolvidas. Os alunos adquirem uma formação orientada para a resolução de problemas sociais concretos, contribuindo ainda para sua formação de cidadania e de solidariedade. Para o professor, estas ações significam o momento de colher os frutos de seu projeto pedagógico, além de avaliar constantemente a sua própria prática.

Na universidade pesquisada, esta perspectiva já vem sendo trabalhada, conforme um dos entrevistados:

[...] os grupos de pesquisa têm também essa conotação muito forte na questão da realidade da comunidade regional. Desde a Educação Física que tem um trabalho na área de qualidade de vida, que faz todo um levantamento de dados físicos, biológicos das pessoas, para fazer uma análise de crianças, da qualidade de vida dessas crianças, dando retorno dessa pesquisa. Se vai às escolas para dar esse retorno. Já tem desde o início do levantamento de dados a busca de estar em contato com a comunidade, trazer informações, transformar em conhecimento, e retornar para a comunidade. A pesquisa e a extensão andam juntas, e isso é muito importante. Até projetos na área de biotecnologia, enzimas, bioensaios, todos eles têm essa conotação de não ser só uma ciência básica, mas trabalhar a ciência básica para ter alguma aplicabilidade. A grande maioria dos projetos já tem esse viés, que é um viés, na minha opinião, muito de universidade comunitária. Entendo que as universidades comunitárias têm muito isso no seu bojo: uma preocupação em retornar o conhecimento à comunidade. Pesquisa básica é importante, e ela é valorizada, mas a aplicabilidade dessa pesquisa é fundamental (ENTREVISTADO 4).

A universidade parece estar, portanto, atenta à relação que deve existir entre professores e alunos, no processo de ensino e de aprendizagem, e desses com a comunidade do entorno, no sentido de criar uma via de mão dupla de construção de conhecimento e de enriquecimento mútuo, com vistas ao exercício da responsabilidade social universitária.

Estratégias para uma educação socialmente responsável

A comunidade universitária não pode esquecer que sua grande aventura está em inventar-se para ser um instrumento de ruptura, de invenção de um pensamento para conviver com o presente e construir o futuro, da forma mais participativa e democrática possível (BUARQUE, 2000).

Redução das desigualdades, instituição da missão social e integração em uma rede de proteção social articulada com os vários setores da sociedade passa a fazer parte

da realidade de uma universidade que se quer socialmente responsável. A universidade deve ser crítica e participativa, produzindo conhecimentos úteis à sociedade.

O entrevistado 1 da pesquisa reforça essas afirmações quando indica que:

Nós precisamos falar de um ensino universitário que, além da teoria, tenha uma forte dose de realidade; que ele esteja debruçado sobre os assuntos que fazem parte do cotidiano das pessoas. O ensino universitário deve estar, de fato, vinculado às questões essenciais da nossa comunidade, da nossa sociedade. E essa formação vai ter mais essa dose de realidade, de inserção na comunidade, de vivência, na medida em que ela estiver associada a projetos de extensão. Em relação a bolsas de extensão para alunos, acreditamos sempre que temos que elevar esse número, trabalhar na busca de mais recursos, de mais professores, de mais horas-atividade.

Conforme Clotet (2006, p.11) a universidade do século XXI deve ser:

[...] empreendedora pelo seu compromisso com o desenvolvimento da comunidade na qual está inserida; pela formação de atitudes e habilidades que propicia aos acadêmicos; pelo gerenciamento eficiente e pela sustentabilidade financeira que facilitam a consolidação institucional, a manutenção e o crescimento da pesquisa de qualidade e, conseqüentemente, pelo desenvolvimento social.

De acordo com documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), “Declaração Mundial em Ensino Superior para o século XXI: visão e ação e as Bases de Ação Prioritária para mudança e desenvolvimento do Ensino Superior”, organizado em outubro de 1998, dentre as missões e funções do Ensino Superior estão: papel ético, autonomia, responsabilidade e função antecipatória – as instituições de Ensino Superior devem ajudar a sociedade a identificar e tratar de questões que afetam o bem estar das comunidades, das nações e da sociedade global; orientação de longo prazo baseada na relevância – a relevância do Ensino Superior deve estar assentada na compatibilização entre o que a sociedade espera das instituições de Ensino Superior e aquilo que elas de fato realizam; as instituições de Ensino Superior devem reforçar o seu papel de servir à sociedade, através de uma aproximação inter e transdisciplinar na análise dos problemas e questões⁴.

Na Conferência Regional de Educação Superior na América Latina e no Caribe (CRES), realizada de 4 a 6 de junho de 2008, na cidade de Cartagena de Índias, Colômbia, com o apoio do Instituto Internacional da UNESCO para a Educação Superior na América Latina e no Caribe (IESALC-UNESCO) e o Ministério de

⁴ Tradução da autora.

Educação Nacional da Colômbia, com a colaboração dos governos do Brasil, Espanha, México e da República Bolivariana da Venezuela, foi declarado que:

As instituições de Educação Superior devem avançar na configuração de uma relação mais ativa com seus contextos. A qualidade está vinculada à pertinência e à responsabilidade com o desenvolvimento sustentável da sociedade. Isso exige impulsionar um modelo acadêmico caracterizado pela indagação dos problemas em seus contextos; a produção e transferência do valor social dos conhecimentos; o trabalho conjunto com as comunidades; uma pesquisa científica, tecnológica, humanística e artística fundada na definição explícita dos problemas detectados, de solução fundamental para o desenvolvimento do país ou da região e o bem-estar da população; uma tarefa ativa de divulgação, vinculada à criação de uma consciência cidadã, sustentada no respeito aos direitos humanos, e à diversidade cultural; um trabalho de extensão que enriqueça a formação, colabore na identificação de problemas para a agenda de pesquisa e crie espaços de ação conjunta com distintos atores sociais, especialmente os mais excluídos e marginalizados (CRES, 2008).

Ainda no que se refere às iniciativas da UNESCO em relação à educação de nível superior, esta tem na GUNI o espaço para discutir assuntos referentes ao Ensino Superior. Em abril de 2008 foi realizada a IV Conferência Internacional de Barcelona sobre Ensino Superior⁵, que tinha como tema “Ensino Superior: novos rumos e papéis emergentes para o desenvolvimento humano e social”. Nessa Conferência, teve-se como pano de fundo a grande pergunta: “Quais são os novos rumos e os papéis emergentes do Ensino Superior para o desenvolvimento humano e social?”.

Esse questionamento convida os participantes a refletirem sobre como o Ensino Superior pode contribuir frente a estes novos rumos no contexto da globalização. No desafio do papel que o Ensino Superior tem hoje há implicações políticas, econômicas e sociais. As instituições de Ensino Superior estão bem-posicionadas para vincular o local com o global e é precisamente esta razão que lhes dá a oportunidade de intercambiar processos em muitas sociedades e contribuir para o desenvolvimento humano e social. As instituições do Ensino Superior são personagem-chave com uma responsabilidade que lhes permite ocupar um papel fundamental na construção da sociedade.

Os objetivos da referida Conferência foram: analisar o papel do Ensino Superior no que concerne ao desenvolvimento humano e social; compartilhar e debater ideias sobre o papel social relevante que o Ensino Superior é chamado a desempenhar no mundo cada vez mais globalizado; proporcionar um espaço para analisar o papel do

⁵ As informações sobre a IV Conferência de Barcelona sobre o Ensino Superior foram retiradas de: <<http://www.guni-rmies.net/newsletter/edit.php>>. Acesso em: 2 maio 2008.

conhecimento nesta sociedade do conhecimento: que conhecimento se faz necessário para o tipo de sociedade que desejamos construir e como as instituições de Ensino Superior definem seu papel sobre esse aspecto; revisar a questão do intercâmbio de valores entre a universidade e a sociedade, reconsiderando a pertinência social das universidades; fomentar um debate profundo, comprometido e sério entre aqueles que, por seus diferentes vínculos com o mundo do Ensino Superior, podem contribuir para enriquecer o intercâmbio de idéias.

Desse modo, acredita-se que se criarão oportunidades que deveriam ser analisadas conjuntamente por professores e gestores universitários, responsáveis por políticas e membros da sociedade civil e do setor empresarial; apresentar uma análise pró-ativa e assertiva que ofereça muitas idéias e visões para orientar o futuro; elevar a função social do Ensino Superior mediante uma análise acadêmica do que atualmente é o Ensino Superior e o que o seu contexto precisa para propor como deveria ser desde a perspectiva de suas próprias funções.

Em relação à Universidade investigada, o depoimento de um dos entrevistados indica que a Universidade está trabalhando nessa perspectiva:

A primeira estratégia, então, é, justamente, ter uma política, uma diretriz interna clara. O projeto tem que estar na prática dos professores, dos alunos, de todas as pessoas envolvidas com cada curso. Temos claro que devemos consolidar a relação dos cursos com a comunidade do entorno, através das disciplinas, dos estágios... O aluno tem que estar vivendo isso, para poder incorporar, se apropriar, no corpo e na mente, desses princípios norteadores que envolvem a relação com a comunidade. Então, nossas estratégias são formativas. Primeiro, na intencionalidade política, depois transformar essa política em ação, que se concretiza nos projetos e nos fazeres pedagógicos, de alunos e professores (ENTREVISTADO 5).

Segundo a GUNI (2008), o papel do Ensino Superior no mundo atual é essencial e complexo, o que significa o surgimento de uma série de rumos e possibilidades, com implicações políticas, econômicas e sociais. Talvez os mais significativos sejam aqueles associados a uma troca de perspectivas sobre o conhecimento em si, que influenciam poderosamente no papel e na responsabilidade da universidade na sociedade.

Diante disso, pode-se pensar que o papel das instituições de Ensino Superior tem evoluído com o tempo: passam de garantidores da conservação de formas de conhecimento culturalmente reverenciadas ou fonte de pessoal altamente qualificado e investigadores dedicados a satisfazer necessidades econômicas de agentes do

desenvolvimento e da transformação social. Essa transformação também se dá através de ações de responsabilidade social, especialmente aquelas que articulam ensino, pesquisa e extensão.

Áreas prioritárias para investimento na universidade

O papel do gestor de uma universidade com responsabilidade social nos parece ser o de conduzir suas ações de maneira que se torne co-responsável pelo desenvolvimento sustentável da sociedade. Segundo Audy (2006, p. 57) “[...] a sociedade passa a esperar mais das Universidades em termos de contribuições ao processo de desenvolvimento econômico e social. Os problemas se tornam mais complexos e o ambiente mais incerto”.

Esse desenvolvimento sustentável se tornará mais possível na medida em que os valores fundamentais que à educação cabe promover, e em especial as universidades, sejam entendidos como compromissos de todos os envolvidos com essa realidade. A UNESCO destaca, entre esses valores:

[...] respeito pela dignidade e pelos direitos humanos de todos os povos em todo o mundo e compromisso com justiça social e econômica para todos; respeito pelos direitos humanos das gerações futuras e o compromisso em relação à responsabilidade intergeracional; respeito e cuidado pela grande comunidade da vida em toda a sua diversidade, que inclui proteção e restauração dos ecossistemas da Terra; respeito pela diversidade cultural e o compromisso de criar local e globalmente uma cultura de tolerância, de não-violência e de paz (2005, p.42-43).

Para isso, é importante também que a universidade contribua com o provimento à sociedade de recursos humanos qualificados, para intervir no real, mas, também, providencie a essa mesma sociedade respostas às demandas sociais emergentes que são vivenciadas pelos seres humanos, em especial no que se refere à preservação do meio ambiente pensando nas gerações futuras.

[...] a Universidade deverá [...] produzir o saber buscando o equilíbrio entre conteúdo social e a excelência acadêmica especificamente profissional, num explícito comprometimento com a elevação das condições de vida a níveis mais dignos e fraternos, numa significativa interação com o entorno social onde se situa, cumprindo, assim, o papel que cada vez mais é chamada a desempenhar (VOLPI, 1996, p. 17-18).

Nesse sentido, conforme documento da UNESCO (2005), a universidade tem um papel específico a desempenhar em relação à educação para o desenvolvimento

sustentável: o de funcionar como local de pesquisa e de aprendizagem e como iniciadora de pólos de atividades em sua comunidade e também nacionalmente.

Na Universidade investigada, conforme um dos entrevistados:

Todo ano nós fazemos o Plano Geral de Ação, que está ligado a projetos e investimentos, que irão refletir nos orçamentos, etc. Neste Plano estão as diretrizes para investimento, o que iremos priorizar. Depois de feita essa seleção, nos organizamos por setores e criamos estratégias para alcançar aquilo que é de nossa responsabilidade ou aqueles projetos que apoiamos. As prioridades são institucionais. Algumas coisas são internas, de cada pró-reitoria, mas no Plano Geral temos as prioridades da Universidade. Ainda, temos prioridades e demandas internas e externas, dependendo das necessidades de cada pró-reitoria e da comunidade e parceiros. Uma prioridade pode desencadear o envolvimento de várias áreas, então é uma engrenagem. (ENTREVISTADO 6).

Essa nos parece ser a maneira como a universidade desempenha o conjunto de suas atividades no âmbito do campo em que atua (científico) e o tipo de relações que estabelece com os demais campos do espaço social, que indicam o grau de responsabilidade social de suas ações enquanto co-responsável no processo de produção social, cabendo-lhe articular o capital intelectual com demandas sociais emergentes (DESAULNIERS, 2006, p.1).

[...] nos tempos modernos, [a universidade] passou a preocupar-se em atender também às necessidades do seu tempo e do seu espaço. Hoje, a par de sua tarefa primordial, a universidade está voltada a participar ativamente de ações exteriores ao ambiente da academia (OLIVEIRA, 2004, p. 96).

Audy (2006, p. 68) complementa essas colocações afirmando que o “[...] balanço entre tradição (representada pelos valores acadêmicos) e a renovação (representada pelas novas demandas da sociedade) é o diferencial que as melhores universidades do futuro estão construindo hoje”.

De acordo com um dos entrevistados, na Universidade

Se garantem como intocáveis alguns elementos considerados fundamentais para a Universidade. Investimento em livro sempre está assegurado, o investimento nas adequações para melhorias internas, como nas salas de aula. Isso não passa por nenhuma pró-reitoria especificamente, o planejamento, a execução sim. Nós também levamos em consideração as demandas apresentadas pelos alunos, como, por exemplo, as passarelas cobertas, a iluminação, segurança, etc. Essas demandas mais gerais acabam orientando o orçamento (ENTREVISTADO 3).

As universidades têm diante de si tempos fascinantes com um rumo interessante porque, ao mesmo tempo em que a globalização possibilita que elas aproveitem importantes oportunidades, também as obriga a enfrentar problemas graves em um

futuro próximo. Devem se questionar sobre qual é seu valor principal – servir ao bem comum, pois o mundo sofreu uma transformação considerável nos últimos anos.

Ainda que uma parte da humanidade desfrute de maior qualidade de vida, surgem importantes metas como: a redução da pobreza e da crescente disparidade na distribuição das riquezas, a justiça internacional, a equidade global e os direitos humanos, a compreensão intercultural, a construção da paz, a cidadania e os governos globais e o desenvolvimento sustentável.

Em resumo, é necessário buscar soluções para os problemas globais, conseguindo promover mudança de paradigma para reconstruir a sociedade em resposta a estes rumos e para deixar um mundo melhor às gerações futuras. As instituições de Ensino Superior, da mesma forma que as sociedades em que elas se encontram, estão sofrendo um processo de transformação muito rápido em todos os sentidos, mesmo com características diferentes em cada parte do mundo.

Um dos entrevistados da pesquisa reforça essa assertiva e exemplifica de que forma a Universidade vem trabalhando no sentido da inovação sem perder de vista a contribuição social desse conhecimento:

Programas de *strictu sensu* e a consolidação dos grupos de pesquisa e a geração de novos programas. Todos eles estão muito preocupados com a questão da produção, do desenvolvimento e da transferência de conhecimento para a sociedade. Que este conhecimento venha a melhorar a qualidade de vida e de relações dos cidadãos. E no *latu sensu* temos também várias ações prioritárias, na linha de oferta desses cursos, estamos trabalhando nesse período com o EAD, trabalhamos também com as residências médicas. A primeira residência que mandamos: residência em medicina da família e comunidade – estamos esperando a comissão de avaliação. Temos que dar bolsas e temos que ter infra-estrutura. Ela não é que nem o *latu sensu*, que recebemos o dinheiro para ser auto-sustentável. O que estamos fazendo na residência: em função justamente do caráter socialmente responsável, e da relação com a medicina comunitária que temos, além de termos a necessidade dessas residências para nos tornarmos hospital universitário, trabalhamos com essa residência familiar e em comunidade (ENTREVISTADO 4).

A partir das questões até aqui apresentadas, pode-se inferir que a responsabilidade social universitária, assim como a responsabilidade social empresarial, ainda que tenha um caráter individual, se quer se tornar institucional, parece dever partir do “comando superior”.

“Torna-se fácil identificar a existência de um círculo vicioso comportamental, que só se poderá retificar mediante uma intervenção em nível de comando superior, de gerência, e não em nível intermediário, caso dos professores, dos alunos. Só assim os resultados poderão ser refletidos em toda a estrutura do sistema de ensino” (SIQUEIRA, 2006, p.11).

Na Universidade pesquisada, as atividades desse chamado “comando superior”, entendido para a Instituição em estudo como o conjunto dos gestores, são justamente aquelas que se referem à organização e sistematização de produtos do coletivo institucional, como o Projeto Político-Pedagógico Institucional, o Plano de Desenvolvimento Institucional e outros documentos de mesma envergadura. Um dos entrevistados comprova essa assertiva quando refere: “Eu acredito que o conjunto da reitoria e o conjunto das unidades é que asseguram os vínculos de responsabilidade social da universidade com o conjunto das atividades institucionais” (ENTREVISTADO 3).

Os gestores parecem entender a responsabilidade que têm uma vez que desejam disseminar a ideia e a operacionalização de ações socialmente responsáveis. Percebem-se enquanto multiplicadores de uma postura que deve ser assumida individualmente por professor e funcionário da Instituição.

O mesmo entrevistado complementa:

Para os professores que chegam aqui, especialmente os que não têm regime de trabalho, que passam pouco tempo aqui, é difícil perceber o que significa uma universidade comunitária. E se os professores não têm claro isso, os seus alunos também não terão claro isso. Os professores vão percebendo isso gradualmente e os alunos também, na medida em que permanecem aqui quatro, cinco, até seis anos. No final desse percurso, uma maior parte deles [dos alunos] já tem mais clareza do que significa liberdade acadêmica, não-repressão ao movimento estudantil, participação em eleição direta para reitoria, participação nos colegiados, ter uma ouvidoria à sua disposição. Então os alunos vão percebendo esses diferenciais (ENTREVISTADO 3).

A conscientização do que significa uma universidade comunitária, seus princípios e valores, bem como a relação desses com a responsabilidade social universitária é um processo gradativo, que ocorre no cotidiano institucional e que é observado pelos gestores da Universidade pesquisada. Quanto melhor os professores, os funcionários e os alunos compreenderem essas questões, melhor dar-se-á a relação entre esses atores, no que se refere às suas atividades diárias, e mais caracterizada ficará a relação de parceria da Universidade com a comunidade de seu entorno, uma prioridade institucional importante devido ao seu caráter comunitário.

Ensino-pesquisa-extensão: articulação e indissociabilidade

Para que uma universidade comunitária possa ser entendida como socialmente responsável primeiramente o tripé que a mantém deve estar articulado⁶. Ensino, pesquisa e extensão devem ser indissociáveis, tanto no entendimento quanto no cotidiano prático da universidade. Estes três elementos são complementares, sendo que um não pode ser plenamente desenvolvido e alcançado sem os outros dois.

Essa compreensão, aliada à perspectiva do empreendedorismo,

[...] propõe a esperança de alcançar um mundo-planetário de maior compreensão, de paz, tendo presentes a criatividade e a inovação. Isto quer dizer que temos a esperança de ver o processo de ensinar e de aprender envolvido em uma visão cooperativa e empreendedora, que possa fazer frente às incertezas que envolvem a sociedade (ENGER, 2007, p. 28).

Assim sendo, as universidades comunitárias poderão se considerar como instituições que formam recursos humanos socialmente responsáveis na medida em que conseguirem articular esses três elementos que compõem a tríade de uma universidade.

Sobre o ensino de Graduação, um dos entrevistados da pesquisa afirma que:

[...] na formação em nível universitário dos nossos cursos, essa responsabilidade, esse compromisso, está vinculado às práticas, às clínicas, aos gabinetes judiciários, àquilo que os cursos permitem e possibilitam ao seu aluno, que está numa situação de estudante, sujeito de aprendizagem, e aos seus professores, envolver a comunidade nessa construção da formação. Então, tem muitos cursos que envolvem diretamente a comunidade e trazem muito claramente essa responsabilidade, que está articulada à missão de ser uma universidade comunitária, comprometida com o desenvolvimento das regiões [do entorno], com o desenvolvimento das pessoas, com a formação cidadã. Os cursos, a extensão, as pesquisas, os estágios e as práticas, todas as dimensões se envolvem com a comunidade. Porém, é dada pouca visibilidade para esses espaços de formação. Eu ainda acho que é muito pouca visibilidade que se dá para o compromisso que temos com a comunidade, na graduação (ENTREVISTADO 5).

Essa passagem vem ao encontro de algumas reflexões feitas por Botomé (1996), que acredita que não é apenas através da extensão que a universidade afirma seu compromisso social. O autor considera que a pesquisa e o ensino também podem revelar um papel muito importante em relação a compromissos sociais assumidos pela universidade.

Deixar essa responsabilidade a cargo apenas da extensão seria um grande equívoco, até porque “[...] a indissociabilidade está muito mais vinculada à idéia de que o Ensino Superior necessita ter no seu *menu* essas três atividades. Mas isso tem que servir

⁶ A articulação [refere-se] “A ação articulada dos diversos agentes sociais, culturais, políticos e econômicos, públicos e privados. A articulação é a ‘liga’, é que vai fazer com que os agentes não atuem isoladamente ou sobreponham ações. Faz também com que o processo ganhe força uma vez que todos o desejam” (DELEVATI, 2001, p. 375).

principalmente para os alunos, que devem ter acesso a isso. [...] a indissociabilidade é fundamental para a formação dos alunos que estão aqui na Universidade” (ENTREVISTADO 1).

As funções da pesquisa, do ensino e da extensão se dão em prol da produção de novos conhecimentos científicos e da ampliação e desenvolvimento de ações que venham ao encontro das demandas sociais, especialmente daquelas do entorno da universidade, e de um ensino inovador e de qualidade, uma vez que o Ensino Superior precisa “[...] ser planejado a partir do que se constitui as exigências da realidade com que o aluno vai se defrontar quando sair da escola” (BOTOMÉ, 1996, p.126).

Afinal, é preciso que a universidade se transforme em uma instituição

[...] **geradora**, onde a reflexão teórica e a investigação, intimamente imbricadas com a contribuição ética e estética, se instalem de maneira integral tanto no corpo docente quanto em seu alunado. [...] Uma Universidade dessa natureza deve [...] estar em sintonia com a realidade para, dessa forma, colaborar na solução de problemas em todos os setores da atividade humana, exercitando sua capacidade reflexiva e assim poder, crítica e criativamente, antecipar-se aos acontecimentos, tentando configurar propostas viáveis para a sociedade do futuro (VOLPI, 1996, p. 23-24).

A conduta do docente de gestão, nesse processo, “[...] deve ser embasada por uma forte vontade de influir e de participar [...] das mudanças e dos conflitos que marcam a realidade das organizações do nosso tempo, mas sem [...] se desantennar do processo histórico do qual participa” (SIQUEIRA, 2006, p.11).

Um dos entrevistados aponta para uma fragilidade desse tripé universitário, quando apresenta:

Essa indissociabilidade é enfraquecida porque uma das dimensões tem menor investimento por parte dos professores, que é a extensão. Ela não está no mesmo patamar. A extensão é difícil de ser feita, requer o desapego às condições ideais que nós temos no campus: o ar-condicionado, a cadeira estofada, a internet, a biblioteca, os laboratórios. Essa ida à escola, ao meio rural, ao bairro, à empresa, às prefeituras, esse contato com a realidade requer mais esforço, é mais difícil. O que nós temos que trabalhar inicialmente é a consciência. E aí cabe ao professor. O professor tem que se dar conta em que instituição ele está pisando, para quem ele trabalha. E os departamentos têm uma função primordial, ao verificarem, por exemplo, de que forma um projeto de pesquisa também vai ter extensão, como ele será de pesquisa e extensão, como será levado à comunidade. Esse é um processo que vem sendo feito (ENTREVISTADO 2).

Por outro lado, a passagem de uma outra entrevista ilustra bem as colocações feitas anteriormente por Siqueira:

[...] agora nós estamos criando um programa de Universidade da Terceira Idade. Esse programa já vem com o olhar da graduação, da pós-graduação e

da pesquisa, e da extensão. A extensão é que está encaminhando, mas a gente fez um trabalho conjunto de buscar pensar ações que possam ser articuladas. Então não é apenas extensão, é pesquisa, é ensino, também. Mas temos que avançar muito nisso, com certeza. E isso é uma política: ampliar essa interação, que é muito importante para o desenvolvimento humano. A gente tem que ter na base o ensino, a pesquisa e a extensão. Quer dizer: ensinar, mas não ensinar de forma desatualizada, para isso é necessário conhecer, através da pesquisa, e estender esse conhecimento para a comunidade e vice-versa (ENTREVISTADO 4).

Engers (2002, p. 128) também complementa e amplia as colocações de Siqueira ao afirmar que “A contribuição da universidade para o desenvolvimento da sociedade é inegável, razão pela qual é preciso trabalhar para alcançar a excelência e a liderança”.

Um dos entrevistados da pesquisa reforça essas afirmações quando coloca que:

O vínculo da educação com a responsabilidade social já está presente nessa tarefa de se socializar o que se produz, daquilo que se aúfere do conhecimento produzido na esfera nacional e internacional, mas também, no caso de uma instituição comunitária, de buscar aproximar o exercício educativo de sala de aula, bem como o esforço da pesquisa e da extensão, das expectativas e necessidades da sociedade mais próxima, das comunidades regionais. A preocupação com o bem-estar social substitui o caráter filantrópico e assistencialista de alguns anos atrás. Hoje, a universidade assume um novo papel, que faz referência à tomada de decisão em contribuir com a sociedade através de projetos baseados em problemas sociais concretos, situados no tempo presente e em sintonia com a realidade vivenciada (ENTREVISTADO 3).

Ainda em relação à importância da pesquisa, e também da extensão, para que a universidade possa afirmar seu compromisso social, Botomé disserta:

Difícilmente a sociedade vai participar ou contribuir para aumentar o acesso a algo que não lhe diz respeito ou interessa. Se a origem da pesquisa não tem relação com os problemas com os quais os componentes da sociedade se defrontam, dificilmente seus resultados dirão respeito a esses problemas e, nesse sentido, a origem também determina as possibilidades de utilização do conhecimento produzido (1996, p.106).

Mais uma vez se reforça a importância das pesquisas realizadas na universidade, e aqui se destacam as universidades comunitárias, terem relação com os problemas ou dificuldades advindos da comunidade do entorno da instituição. A pesquisa a ser desenvolvida não pode estar desvinculada da realidade que se apresenta para a universidade, e essa realidade é expressa pelas demandas sociais que estão surgindo na vida dos diferentes grupos sociais. Ou seja, a pesquisa se relaciona com a extensão, que tem articulação com o ensino. Essa rede de vetores precisa estar constantemente articulada e ser recíproca, para que se possa falar em articulação e indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão.

Universidade e outras universidades e organizações: articulação

Segundo Buarque (2000, p. 12) “O papel da universidade deve ser o de estimular e desafiar a razão, o de liberar a inteligência para a plenitude de sua possibilidade e, mais do que tudo, para a descoberta apaixonada do outro, esse nosso parceiro na imensa e enigmática aventura de viver”. O mesmo autor segue afirmando que

Com a velocidade com que o conhecimento avança em cada área e com a evolução dos instrumentos utilizados pelos profissionais, o egresso da universidade não consegue mais se formar em caráter definitivo. Ele vive um permanente processo de reciclagem ou torna-se rapidamente obsoleto (2000, p. 48).

Sendo assim, a educação pode facilitar esse processo, na medida em que possibilita compreender o significado do desenvolvimento humano, criando condições para seu aprimoramento. Desta forma, estará colaborando para a identificação da própria identidade humana, na sua totalidade.

Nessa direção, fica difícil a universidade viver de forma isolada, sem estabelecer intercâmbios com outras universidades e outras organizações com as quais se possam assentar trocas de diferentes naturezas. No caso específico de universidades comunitárias gaúchas, essas encontram no COMUNG – Consórcio de Universidades Comunitárias Gaúchas –, um espaço de discussão, de troca de ideias, de intercâmbio de projetos. De acordo com um dos entrevistados da pesquisa, no que se refere a intercâmbios que a Universidade desenvolve:

Existem três meios principais: por entidades representativas, no Rio Grande do Sul existe o COMUNG, no Brasil existe a ABRUC; por projetos compartilhados, especialmente entre universidades públicas e universidades comunitárias; e por meio de intercâmbios, em nível internacional, processo que é protagonizado pelos professores. Estamos buscando formas alternativas, como o associativismo, como o trabalho em rede, como já é feito em países com a Itália e a Irlanda do Norte. Entendo que ainda existe muita concorrência entre as universidades comunitárias gaúchas; muita repetição de cursos; etc. Essa é uma situação que precisa ser resolvida no futuro, e isso só se resolve com aproximação, com conhecimento, com respeito, com diálogo e com projetos conjuntos entre professores e entre instituições. E o que vai fazer diferença nesse futuro eu acredito que seja o aprofundamento das relações entre os protagonistas desse processo, que são os professores e os estudantes (ENTREVISTADO 2).

Esses intercâmbios são importantes, pois ampliam e reforçam as atividades desenvolvidas na Universidade de forma a contribuir para a elaboração de novos projetos e programas institucionais. Em relação a esses intercâmbios, vinculados à

responsabilidade social da Instituição, um dos entrevistados apresenta uma crítica interessante:

[...] muitas vezes há um conceito errado, de que filantropia é a mesma coisa do que responsabilidade social, e não é. Nem tudo é responsabilidade social. [...] mas temos muita filantropia e pouca responsabilidade social, ainda, penso, de maneira geral. O fato de você ter mais professores vinculados a áreas propícias à responsabilidade social vai fomentar maior responsabilidade social. Como o eixo da Universidade é ensino, quem fará atividades de responsabilidade social são aqueles professores que fazem pesquisa e extensão. Temos também um fórum estadual do COMUNG vinculado à área administrativa e financeira e temos outro a nível nacional, que acontece uma vez por ano, é bem pontual, com atividades e discussões ligadas à filantropia e estudos de ações que deram resultados na área administrativa e financeira. Essas trocas acontecem muito nesse fórum do COMUNG. Nesse encontro anual estão apenas as comunitárias e as confessionais, mais fortemente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. As públicas têm outro fórum, afinal, elas não têm problemas financeiros, não precisam correr atrás de recursos. As privadas ou empresariais também não participam, porque têm outra lógica também (ENTREVISTADO 6).

Através dessa passagem, percebe-se que a responsabilidade social universitária ainda não tem um amplo espaço para ser discutida nos fóruns das universidades. É importante que esses espaços também se destinem para estabelecer esse tipo de reflexão e de discussão, pois conforme o entrevistado, ainda se confunde muito responsabilidade social com filantropia. E a intenção é que as universidades tenham uma postura pró-ativa e socialmente responsável, não caritativa ou assistencialista.

Afinal, “Uma identidade construída com base na integração do plano individual com o ecossociocultural, que esclarece as relações do indivíduo consigo mesmo, com a sociedade e a natureza, em busca de sua própria transcendência” (MORAES, 2005, p. 211), contribui para que se possa alcançar um tipo de sociedade mais equitativo.

As universidades têm importante papel na busca desse objetivo, não apenas individualmente, mas de forma coletiva e integrada, dando a devida importância ao capital social nelas formado, uma vez que

O capital social representa o contexto, a energia, a substância que estabelece o relacionamento entre os indivíduos, organizações, grupos e atores. É o que possibilita o trabalho conjunto entre os cidadãos e a criação das redes de organização dentro de um “local”, o relacionamento de cooperação entre elas (DELEVATI, 2001, p. 389).

Devemos reconhecer a capacidade potencial dos seres humanos (capital humano) na identificação de seus problemas e de suas necessidades, com autonomia crescente enquanto se organizam, se informam, estabelecem parcerias, cooperam,

participam, compartilhem com o Estado e as instituições a responsabilidade pelo desenho das soluções e também a execução das políticas (DELEVATI, 2001).

Relação e articulação da universidade com a comunidade do entorno

Para que as ações de responsabilidade social universitária sejam concretizadas é necessário que a universidade se comprometa de maneira diferenciada com a formação dada para os seus alunos, especialmente no que se refere à sensibilização, para que eles percebam os problemas sociais que os rodeiam. Isto será possível na medida em que os professores tiverem uma postura aberta à troca com os seus alunos, para que estes se sintam capazes de integrar as iniciativas de responsabilidade social da universidade.

Dessa forma, ocorre uma interação do conhecimento teórico, sistemático com o saber informal da comunidade. A universidade com essa integração promove a melhora da qualidade de vida dos envolvidos na proposta, proporcionando condições a essas pessoas de buscarem exercer a sua cidadania de forma plena. Com esses procedimentos, ela se torna socialmente responsável, assumindo assim o *status* de Universidade Cidadã (OLIVEIRA, 2004, p. 100).

Portanto, em relação à responsabilidade social externa da universidade, esta se refere à sua participação no processo de desenvolvimento da própria sociedade. Isso se dá através da elaboração e execução de projetos que tenham como finalidade o atendimento de problemas específicos que a comunidade (do entorno), o território⁷ ou a região onde está situada a universidade enfrenta (OLIVEIRA, 2004). A comunidade, também participante desse processo, beneficia-se com o conhecimento advindo da universidade, bem como adquire novas perspectivas de vida e de projeção para o futuro.

Afinal,

Os atores sociais são os protagonistas da dinâmica social e devem ser os realizadores do seu desenvolvimento – [...] é a inversão do paternalismo e assistencialismo para uma visão de que a sociedade possa gerir, empreender, construir o seu futuro, enfim projetar o seu desenvolvimento. Para que isso aconteça é necessário que a *sociedade civil* aprenda a gerir, a racionalizar, a tomar decisões e analisar o nosso trabalho, a nossa economia e a nossa sociedade. [...] um dos primeiros requisitos para a dinamização de um

⁷ A territorialidade no desenvolvimento local aparece como referência a uma comunidade, um município, uma microrregião ou mesmo uma região (envolvendo vários municípios). Na realidade a territorialidade é resultado inicialmente de um processo de descentralização político-institucional onde os locais (municípios) estão paulatinamente assumindo as diversas responsabilidades em termos de saúde, meio ambiente, educação, agricultura, etc. Assim o município é o espaço mais propício e palpável para o desenvolvimento local, pois torna-se importante a capacidade de intervenção e a influência política dos atores no processo de desenvolvimento. [...] não é a prefeitura (sociedade política) que “faz” desenvolvimento, mas sim é parte de um todo no processo – um município (sociedade política e sociedade civil) é muito mais que uma prefeitura (DELEVATI, 2001, p. 375).

processo de desenvolvimento local é o aumento da *capacidade de organização* dos diversos atores sociais e da população em geral (DELEVATI, 2001, p.374).

A fala de um dos entrevistados a esse respeito clarifica essa questão:

A primeira coisa [a fazer] é a abertura para o diálogo, para a escuta das necessidades da comunidade, a humildade da Universidade frente à comunidade. A Universidade tem uma bela prática de relação com a comunidade, começando pelo diálogo, planejando, sistematizando depois, registrando as ações, e finalmente avaliando. Então existe um caminho trilhado desta relação universidade-comunidade. Então, se criaram compromissos mútuos entre a nossa Universidade e a comunidade. Precisamos dela e ela precisa de nós. Destaco aqui o poder público, as empresas, as escolas e as entidades não-governamentais – especialmente na área da Graduação. Temos trabalhado o envolvimento do aluno, seu compromisso social, sendo respeitado na sua individualidade. Um dos indicadores mais bem avaliados é que o aluno reconhece o respeito que o professor tem para com ele; mas ainda há muito para fazer... (ENTREVISTADO 5).

Em relação à fala anterior, Juliatto (2004, p. 27) apresenta que:

O Estado tem o dever constitucional de prover os cidadãos com alguns serviços básicos, mas a realidade cruel do país demonstra que essa situação está ainda muito longe de ser uma realidade. As universidades comunitárias podem complementar algumas funções específicas do Estado. Enquanto alguns formuladores de políticas públicas ainda travam batalhas entre teorias apelidadas de velha e nova esquerda, ou de velha e nova direita, as iniciativas práticas e bem-intencionadas na educação podem ajudar a criar uma sociedade dinâmica com oportunidades [...].

Por isso, para manter seu compromisso absoluto com a qualidade, a universidade, em nosso entender, deverá definir sua postura com base em cinco vetores:

- Participar da ampliação do patrimônio cultural da humanidade e da sociedade local e fazer avançar o mais puro e descomprometido pensamento em todas as áreas [...];
- Criticar as ameaças à estabilidade nacional, condenar as desigualdades e propor alternativas que visem distribuir eficientemente o bem-estar, a cultura e a liberdade;
- Entender o país [...]; identificar e definir suas necessidades [...];
- Ajudar no desenho do retrato do que se deseja para a sociedade no novo futuro, formular alternativas [...] sem ignorar a realidade herdada [...];
- Criar as bases científicas e tecnológicas que permitam transformar os recursos disponíveis no conjunto de bens e serviços necessários ao bem-estar social; e formar mão-de-obra necessária para produzir estas funções (BUARQUE, 2000, p. 106).

Nessa mesma perspectiva, Candau afirma que:

[...] o desafio da Universidade de hoje é construir em cada contexto sócio-cultural, em cada instituição universitária concreta, [...] esta ‘razão solidária’. Assumir esta perspectiva supõe liberar nossa capacidade criativa e crítica. Exige unir esforços com todos aqueles que, na vida universitária e desde outras mediações científicas, culturais e sociais, acreditam na necessidade de

repensar e transformar estruturalmente o mundo em que vivemos (1990, p. 53).

Isso significa dizer que a universidade deve se imbuir dessa postura e desse comportamento socialmente responsável. Para tanto, deve se abrir, aprender a escutar aquelas demandas que vêm de fora de seus muros, que necessitem ser acolhidas e discutidas junto com a comunidade, poder público e iniciativas do terceiro setor. A principal contribuição da universidade vem, justamente, daquilo que ela faz melhor, que é o conhecimento; que, entretanto, deve ter uma intenção e uma relevância social que interesse aos demais atores da sociedade.

Por outro lado, Singh (2005, p.47-48) reflete que, atualmente,

[...] o apelo em favor do comprometimento da universidade faz parte do discurso da “sociedade do conhecimento”, fenômeno que viu a educação superior adquirir uma nova proeminência no contexto das exigências de uma economia “movida pelo conhecimento”, ao mesmo tempo em que a sujeitou ao discurso de uma responsabilidade social mais aguda, inculcado por governos, instituições financeiras globais, doadores e outras forças sociais.

Zezeza (2005) complementa as afirmações de Singh, ao apresentar uma tese acerca da corporatização da gestão universitária, que

[...] tem a ver com a adoção de modelos comerciais para a organização e administração de instituições de educação superior. As universidades estão sendo pressionadas a adotar o discurso de responsabilidade social e do papel do empresariado, o que as obriga a adotar novas estratégias orçamentárias e a expandir e diversificar as suas fontes de financiamento, para que elas possam tornar-se mais eficientes, produtivas e relevantes (p.29).

Entende-se que a leitura que esses autores fazem do compromisso e da responsabilidade social que as universidades vêm adotando centra-se em uma análise mais econômica do que social. Afinal, a responsabilidade social universitária significa um tipo de postura e de comportamento adotado. Obviamente, essa postura implica investimentos econômicos, mas não se reduz a isso. Este trabalho busca refletir, justamente, sobre outros elementos envolvidos, especialmente as atividades que estão sendo desenvolvidas em nível universitário para contribuir com a sociedade naquilo que se refere à busca de soluções para seus problemas mais graves e emergentes.

Nesse sentido, há que se concordar com a própria Singh, quando postula que:

As universidades precisam abrir o seu próprio caminho, em meio a uma miríade de demandas, muitas vezes contraditórias – transformar-se radicalmente em muitos aspectos e, apesar disso, permanecer estável e coerente em outros; prestar contas a numerosos parceiros detentores de necessidades largamente distintas e, não obstante, preservar uma margem reconhecível de autonomia e independência; tornar-se individualmente mais competitiva nos níveis nacional,

regional e internacional, enquanto opera em regime de parceria e cooperação com outras instituições; concorrer com sucesso contra poderosas organizações comerciais, que se estão tornando vendedoras de educação numa escala cada vez mais global [...] (2005, p. 50-51).

A mesma autora segue seus argumentos

[...] aumentar o acesso a grupos de estudantes, até então excluídos, e melhorar a qualidade dos serviços prestados, com orçamentos que nada ou pouco cresceram; manter uma identidade coesa e uma “marca” reconhecível, ao mesmo tempo que se descentraliza, terceiriza seus serviços ou “desagrupa serviços”; conservar-se como um espaço destinado ao pensamento crítico e reflexivo, enquanto procura atender às necessidades da indústria e das comunidades locais; promover a justiça social e o bem público no contexto de um meio ambiente onde a norma é a busca corporativa dos bens privados. O caminho do engajamento terá de ser construído em meio a todas estas antinomias de demandas de mudança e de continuidade (2005, p. 50-51).

Sim, de fato são muitos os desafios e as mudanças pelas quais a universidade vem passando, mas, sem fazer uma leitura simplista, não seriam desafios de todas as instituições? Como já problematizado neste trabalho, a universidade foi questionada e teve de se abrir, até por uma questão de sobrevivência e de conscientização. Volta-se à pergunta: produzir conhecimento para quem? A busca deve ser no sentido de produzir um conhecimento relevante para a sociedade, muito mais do que para o mercado.

O entrevistado 5 fala que uma das formas de operacionalizar essa proposta é trazer para a Graduação o método extensionista, fazendo com que a Universidade se abra para o diálogo com a comunidade, atentando para as necessidades por ela apresentadas.

Tendo em vista essa questão, há uma série de mudanças importantes dentro das universidades que devem ser consideradas para se compreender a própria responsabilidade social universitária. A partir de Rossato (2006), destacam-se algumas delas:

Mudança importante na relação professor e aluno. [...] relação de maior respeito entre docentes e discentes. [...] a rapidez da difusão do saber e das novas descobertas exigiu que a universidade se abrisse. [...] O desenvolvimento dos *direitos humanos* [...] acaba por criar na universidade um clima melhor. [...] À medida que muda o panorama internacional, também mudam as relações entre as instituições. Muitas universidades adquirem maior credibilidade, pois se atribui uma função mais importante ao saber: a sociedade vai gradativamente se tornando educativa [...] (p.81-83).

De maneira a deixar transparente a relação que se está estabelecendo entre responsabilidade social e responsabilidade social universitária, apresenta-se a seguir três esquemas, apresentados em figuras, elaborados pela autora deste trabalho, tendo como apoio alguns autores⁸ do referencial teórico de sustentação da pesquisa, com o objetivo de compatibilizar e aproximar conceitos e fundamentos da responsabilidade social em âmbito geral, com o que vem se considerando e evidenciando na Universidade em estudo como responsabilidade social das universidades, especialmente as comunitárias.

⁸ **Mandala da empresa socialmente responsável e Vetores da Responsabilidade Social** (ASHLEY, 2002); **Stakeholders ou públicos-alvo** das empresas com responsabilidade social (MELO NETO; FROES, 1999).

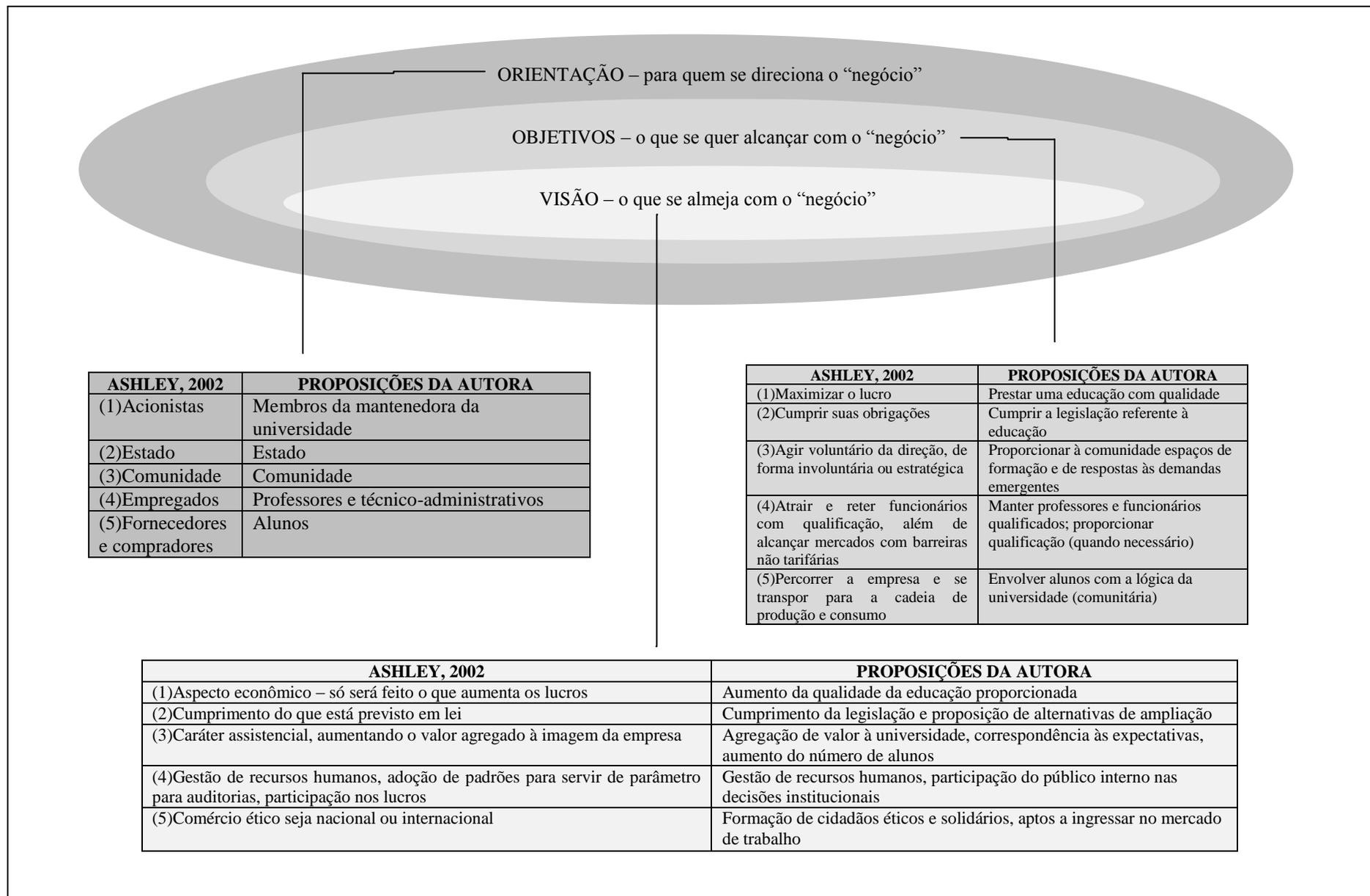


Figura 1 - Proposição de Mandala da Universidade (Comunitária) Socialmente Responsável

Fonte: Dados da pesquisa de doutorado (2009).

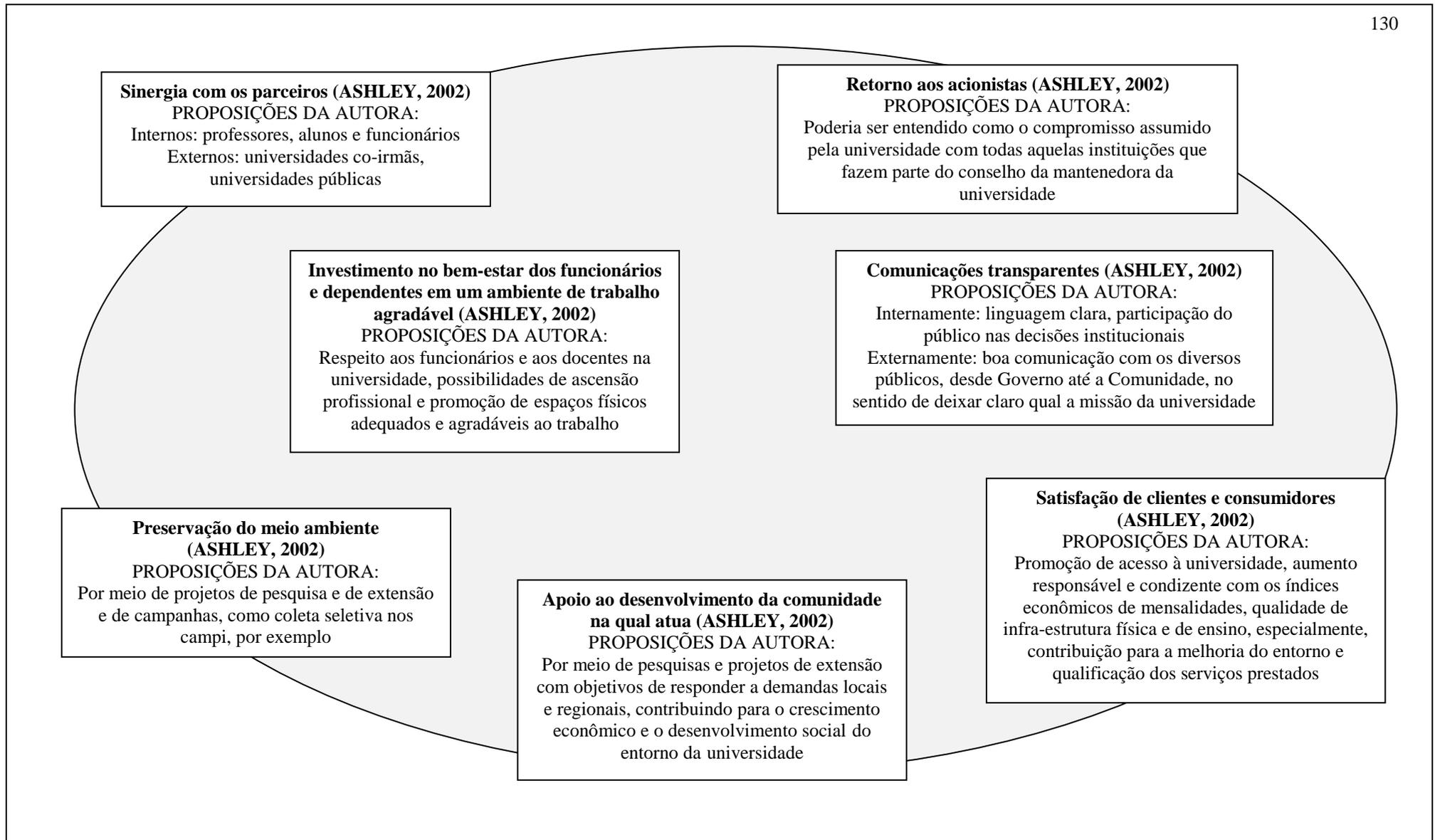


Figura 2 - Proposição de Vetores da Responsabilidade Social (Universitária)

Fonte: Dados da pesquisa de doutorado (2009).

PÚBLICO INTERNO	
PROFESSORES, TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS, DEPENDENTES E ALUNOS	
MELO NETO; FROES, 1999	PROPOSIÇÕES DA AUTORA
Dimensão diálogo e participação	Relação com os sindicatos, especialmente com o SINPRO, e participação do público interno nos fóruns de decisões institucionais (colegiados, reuniões de conselhos, etc.)
Dimensão respeito ao indivíduo	Compromisso com o bem-estar dos colaboradores e dos alunos e um clima de trabalho sem discriminação ou preconceito
Dimensão trabalho decente	Plano de carreira, bolsas de pós-graduação, liberação para estudos (qualificação), comportamento ético frente às demissões
Gestão do trabalho	Deve versar sobre a duração da jornada de trabalho; a distribuição da carga de trabalho; a criação de novas formas de organização do trabalho; desenho de cargos e postos de trabalho; os materiais e equipamentos; e o desenvolvimento de habilidades e capacidades
Gestão do ambiente de trabalho	Precisa cuidar de todos os aspectos relacionados ao momento da produção, ou seja: melhoria no ambiente de trabalho, através do cuidado com o clima, a cultura, o meio ambiente físico, os aspectos ergonômicos e o estresse que pode estar envolvido no ambiente; integração dos funcionários entre si e com as chefias; relacionamento; e participação de todos nos processos decisórios da empresa
Gestão da relevância social da vida no trabalho	Versa sobre a visão do empregado quanto à: imagem e ao exercício da responsabilidade social da empresa, qualidade de seus produtos e serviços e sua valorização e participação no trabalho, o que significa ter ou buscar ter um equilíbrio entre trabalho e vida pessoal
PÚBLICO EXTERNO	
COMUNIDADE (DO ENTORNO) E SOCIEDADE, GOVERNO, MEIO AMBIENTE, OUTRAS IES	
MELO NETO; FROES, 1999	PROPOSIÇÕES DA AUTORA
COMUNIDADE E SOCIEDADE	Contribuições da universidade para a comunidade e parcerias com organizações da sociedade civil para o desenvolvimento de projetos
GOVERNO	Parcerias para o desenvolvimento de projetos diversos, financiamento de projetos de pesquisa (com relevância social), avaliações institucionais, ENADE, PROUNI
MEIO AMBIENTE	Programas de preservação ambiental, campanhas de preservação ambiental, coleta seletiva, consumo consciente, projetos de pesquisa voltados para a área ambiental
OUTRAS IES	Parcerias em projetos de pesquisa, de ensino e de extensão, intercâmbios com outras IES por meio de alunos, de professores e de equipe de gestão

Quadro 1 - Proposição de Stakeholders ou Públicos-Alvo da Universidade (Comunitária)

Fonte: Dados da pesquisa de doutorado(2009).

A elaboração dos esquemas, apresentados nas figuras, origina-se das reflexões que se fez a partir da pesquisa realizada. A construção e a sistematização dos conteúdos foram no sentido de, conforme já explicitado, aproximar as diferentes perspectivas e

entendimentos teóricos abordados neste artigo, para sugerir alguns indicadores possíveis para que se exerça responsabilidade social universitária.

Percebe-se, tendo em vista a construção feita, que há uma série de ações que pode e deve ser desencadeadas pelas universidades de maneira a contribuir com a vida em sociedade em suas múltiplas dimensões. As respostas para essas ações devem estar necessariamente pautadas em uma postura ética, pró-ativa e responsável (DESAULNIERS, 2006). Somente assim, estar-se-á apto a realmente desenvolver projetos e propostas de caráter socialmente responsável dentro das universidades. Entende-se, a partir da investigação realizada, que a Universidade pesquisada, ainda que tenha um caminho a trilhar em termos de responsabilidade social, pode ser considerada uma universidade comunitária socialmente responsável e os exemplos e dados que comprovam essa afirmação estão contidos ao longo deste artigo.

Considerações em aberto

Como um primeiro ponto de reflexão final, destaca-se que a responsabilidade social da Universidade investigada fica demarcada a partir da sintonia existente entre as falas dos gestores da Universidade e os documentos institucionais analisados. Percebeu-se, ao longo da análise e da interpretação das falas e dos documentos da pesquisa, que os gestores da Universidade, ainda que com algumas perspectivas diferentes, têm um entendimento comum do que significa responsabilidade social universitária.

Isto é bastante representativo daquilo que se abordou ainda no início deste artigo, de que a responsabilidade social é um comportamento assumido individualmente pelas pessoas que trabalham na organização, e não por um setor ou departamento isolado da realidade organizacional como um todo. Acredita-se que quando pessoas com o mesmo pensamento se unem, a capacidade de se criar harmonia aumenta proporcionalmente ao número de pessoas que participam desse encontro (HAPPÉ, 2004).

A “Responsabilidade Social está a exigir um pensamento de segunda ordem, o que significa evolução da consciência como alternativa a ser explorada, estando nela presente a solidariedade, que se expande do eu para o nós e do nós para todos nós” (PORTAL, 2004, p. 40).

Essa lógica remete ao entendimento de que há uma integralidade entre os diversos aspectos de um mesmo fenômeno, neste caso a responsabilidade social universitária, na qual o individual e o coletivo, ideias e ações, perspectivas e

conhecimentos, atividades e intencionalidades são variáveis que convivem na perspectiva de realizar e alcançar um objetivo em comum: ser uma universidade com responsabilidade social.

É importante ressaltar que o trabalho desenvolvido com a pesquisa foi no sentido de poder demonstrar que a responsabilidade social universitária pressupõe o exercício de contemplar os pilares da educação elencados pela UNESCO aqui destacados, quais sejam: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; aprender a ser. Para fins deste artigo, compreende-se que o pilar aprender a ser é o que nos parece merecer maior relevância quando se trata de responsabilidade social universitária, pelo fato de esse pilar tratar do desenvolvimento integral da pessoa e da liberdade de pensamento e desenvolvimento de talentos.

Ora, se está se trabalhando na perspectiva de que a responsabilidade social dentro de universidades é um movimento que parte do individual para o coletivo, esse destaque ao pilar “aprender a ser” é sintônico, e esse aprender a ser é intencional, visando ao conhecimento compartilhado e com relevância social.

De acordo com Portal (2004, p. 40):

Responsabilidade Social tem estreita relação com níveis superiores da existência humana, cabendo à educação propiciar ambientes para o emergir da nossa criatividade interior, introduzindo na ciência a idéia de consciência como fundamento de todo o ser/base metafísica de um novo paradigma, no qual Responsabilidade Social tenha a compreensão de que necessita para ocupar o espaço que merece.

Entende-se que aí reside o principal desafio da responsabilidade social universitária: o de cada um questionar suas intencionalidades individuais frente a si, ao outro, à comunidade, à sociedade e ao mundo, tendo como referencial o propósito de vida, potencial em cada um de nós, para, após, transformá-las juntamente com as criatividades singulares, as construções de conhecimento particulares em ações e atividades institucionais e coletivas. Isso será possível na medida em que os gestores universitários conseguirem estabelecer espaços de autoformação, que viabilizem processos de participação coletivos, envolvendo docentes, discentes e funcionários nos processos decisórios, aos moldes de como já se fazem acontecer na Universidade investigada.

Dessa forma, este trabalho não se encerra aqui. Há ainda muitas descobertas por fazer e realidades a se desvelar no que concerne à responsabilidade social universitária, especialmente em relação aos pilares da educação relacionados a essa temática, ainda pouco investigados e debatidos. Acredita-se que esse terreno é bastante fértil para

construção de novos conhecimentos na área da Educação, especialmente na área da Educação Superior.

SOCIAL RESPONSABILITY AND COLLEGE EDUCATION

Abstract

This article presents a study on the social responsibility of the community university of Rio Grande do Sul in the vision of its managers. The universitarian social responsibility is understood as the ability of the university as an institution for disseminating and putting into practice a set of principles and values. The agents involved in the social responsibility, such as university faculty, staff and students, must be available and understand their participation in this process, as development of social competence, an important element to be able to understand the role of the university to its surroundings and also for the construction of knowledge. It is understood that there lies the main challenge of universitarian social responsibility: the questioning make by each subject about his/her individual intentions against his/herself, others, community, society and the world, having as reference the purpose of life, beating in each of us, and then, transform them, along with the unique creativity and individual constructions of knowledge, into institutional and collective actions and activities . This will be possible in that university administrators can establish areas of self training that enable processes of collective participation, involving teachers, students and staff in the decision making process.

Keywords: Universitarian social responsibility. Community university. Higher education.

RESPONSABILIDAD SOCIAL Y EDUCACIÓN UNIVERSITARIA

Resumen

En este trabajo se presenta un estudio sobre la responsabilidad social de universidad comunitaria del Río Grande do Sul, en la visión de sus directivos. La responsabilidad social universitaria se entiende como la capacidad de la universidad como una institución para la difusión y práctica de un conjunto de principios y valores. Los agentes implicados en la responsabilidad social de la universidad, los maestros, el personal y los estudiantes tienen que estar disponibles y entender su participación en este proceso, mientras el desarrollo de la competencia social, elemento importante para que se pueda comprender el papel de la Universidad hacia su entorno y, además, para la construcción de conocimiento. Se entiende que ahí está el principal reto de la responsabilidad social universitaria: cada uno debe indagarse acerca de sus intenciones individuales acerca de sí mismos, de los demás, la comunidad, la sociedad y del mundo, teniendo como referencia el propósito de la vida, potencial en cada uno de nosotros, para, después, cambiarlas, junto con la creatividad natural y las construcciones individuales de conocimientos, acciones y actividades en instituciones y colectivas. Esto será posible ao paso que los administradores universitarios tengan éxito en el establecimiento de espacios de autoformación que permitan los procesos colectivos de participación que

involucran profesores, estudiantes y personal en la toma de decisiones.

Palabras clave: Responsabilidad Social Universitaria. Universidad Comunitaria. Educación Superior.

Referências

ASHLEY, Patrícia Almeida (Coord.). *Ética e responsabilidade social nos negócios*. São Paulo: Saraiva, 2002.

AUDY, Jorge Luis Nicolas. Capítulo 2: Entre a tradição e a renovação: os desafios da universidade empreendedora. In: AUDY, Jorge Luis Nicolas; MOROSINI, Marília Costa. *Inovação e empreendedorismo na universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 56-69.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOTOMÉ, Silvio Paul. *Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BUARQUE, Cristovam. *A aventura da universidade*. 2.ed. São Paulo: Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CANDAU, Vera María. La universidad hoy: entre el “claustro” y la “palestra”. In: FRANCO, Eloísa López; OCHOA, Carmen Fernández; FLECHA, Consuelo; TORRES, Isabel (Ed.). *Lá función social de la universidad*. Madrid: Narcea, 1990. p. 47-54.

CLOTET, Joaquim. Apresentação. In: AUDY, Jorge Luis Nicolas; MOROSINI, Marília Costa. *Inovação e empreendedorismo na universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 11-12.

CUNHA, Maria Isabel. Pesquisa e qualidade no ensino: aprendizagens e possibilidade no Ensino Superior. In: ENGERS, Maria Emília Amaral; MOROSINI, Marília Costa (Orgs.). *Pedagogia universitária e aprendizagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 167-178.

DELEVATI, Dionei Minuzzi. Organização social e desenvolvimento regional. In: VOGT, Olgário Paulo; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). *Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001, p. 367-387.

DELORS, Jacques et al. Educação: um tesouro a descobrir. *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1996.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. *Desenvolvimento sustentável da sociedade passa pela universidade*. Entrevista concedida para a Editora da ULBRA. Disponível em: <<http://www.editoradaulbra.com.br>>. Acesso em: 13 maio 2006.

ENGERS, Maria Emília Amaral (Org.). O Ensino Superior no século XXI: visão e ação. *Revista Educação*. Porto Alegre, ano XXV, n. 46. p.119-13, mar. 2002..

ENGERS, Maria Emília Amaral (Org.). Ensinar / Aprender e Empreender: desafios e competências para o Ensino Superior. In: ENGERS, Maria Emília Amaral; MOROSINI, Marília Costa (Org.). *Pedagogia universitária e aprendizagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 23-30.

FARIAS, Edvaldo de. *Formação e desenvolvimento profissional sob a ótica de novas competências*. Disponível em: <http://www.revistas.net/rhevisao/7/2_4.shtml>. Acesso em: 02 fev. 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra. 1997.

GUNI. *International Barcelona Conference*. Disponível em: <<http://www.guni-rmies.net/newsletter/edit.php>>. Acesso em: 2 maio 2008.

HAPPÉ, Robert. *Consciência é a resposta*. São Paulo: Talento, 2004.

JULIATTO, Clemente Ivo. Universidade e solidariedade social: pegadas na areia global. In: ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Sei em quem confiei: festschrift em homenagem a Norberto Francisco Rauch*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 9-28.

MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. *Responsabilidade social e cidadania empresarial: o caso brasileiro*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

MOROSINI, Marília Costa. *Qualidade na Educação Superior: tendências do século XXI*. Mimeo. 2008.

OLIVEIRA, Helena Wilhelm. Responsabilidade social: um novo olhar sobre o papel da universidade. In: ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Sei em quem confiei: festschrift em homenagem a Norberto Francisco Rauch*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. Responsabilidade social: projeto de consciência. *Brasil Responsável*. São Paulo: Press&Advertising, ano I, n. 2, p. 40, abr. 2004.

POZO, Juan Ignacio. Aprender em la sociedad del conocimiento. In: ENGERS, Maria Emília Amaral; MOROSINI, Marília Costa (Org.). *Pedagogia universitária e aprendizagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 39-58.

ROSSATO, Ricardo. *Século XXI: saberes em construção*. 2. ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

SINGH, Mala. Universidades e sociedade: compromissos de quem? In: UNESCO. *Sociedade do conhecimento x economia do conhecimento: conhecimento, poder e política*. Brasília: UNESCO, SESI, 2005. p.47-88.

SIQUEIRA, Wagner. A responsabilidade social do professor. Entrevista com Wagner Siqueira cedida pelo Jornal Educação. *Revista Arte&Educação*. Edição especial comemorativa – 50 anos da escolinha de arte do Brasil. Rio de Janeiro: EAB/Escolinha de Arte do Brasil, p.10-11, mar.2006.

UNESCO. *Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014*: documento final do plano internacional de implementação. Brasília: UNESCO, OREALC, 2005.

_____. *World Declaration on Higher Education for the Twenty-first Century: Vision and Action and Framework for Priority Action for Change and Development in Higher Education* adopted by the World Conference on Higher Education Higher Education in the Twenty-First Century: Vision and Action. 9 October 1998. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001419/141952e.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2008.

VOLPI, Marina Tazón. *A universidade e sua responsabilidade social*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ZELEZA, Paul Tiyambe. Conhecimento, globalização e hegemonia: produção do conhecimento no século XXI. In: UNESCO. *Sociedade do conhecimento x economia do conhecimento*: conhecimento, poder e política. Brasília: UNESCO, SESI, 2005. p.19-46.

Recebido em: 03-10-2011.

Aceito em: 21-12-2012.

Sobre a autora:

Maira Meira Pinto possui graduação em Serviço Social, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000), mestrado em Serviço Social (2002), e doutorado em Educação (2009) pela mesma Instituição. Atualmente coordena o Curso de Serviço Social da Universidade de Santa Cruz do Sul. E mail: mmeirapinto@gmail.com